
Rita
Hayworth



Rita Hayworth

A O entrar na sórdida viela que conduzia a sua casa, Eduardo Cansino acelerou o passo. Ansiava por se reunir à mulher e aos filhos que o aguardavam. Era um homem ainda jovem, moreno, magro e que parecia extremamente feliz. O dia não tinha sido mau e se tudo corresse aos seus desejos, os tempos difíceis, as dúvidas, os apuros seriam banidos para sempre. Sua mulher ficaria contente!

Eduardo estremeceu de repente. Os seus passos tornaram-se lentos. Lembrou-se de que não tinha pensado na mulher ao aceitar o contrato. E agora... Era difícil enfrentá-la, confessar-lhe a verdade. Como reagiria? Negar-se-ia

ALBUM DOS ARTISTAS

2.º Volume — Fasc. 21)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa



À ESQUERDA:

Uma das primeiras fotografias de Margarita Carmen Cansino tirada aos 5 anos, na companhia dos dois irmãos mais novos. A família Cansino habitava então em Atlantic City.

À DIREITA:

Três anos depois, Margarita estava em Los Angeles. Os cabelos negros despontavam-lhe quase junto das sobrancelhas e, para disfarçar, usava franja...



a permitir que a pequena Margarita Cansino trabalhasse a seu lado? Mas, porque haveria de se negar? Ao fim e ao cabo, desde que a menina nascera, os dois não tinham feito outra coisa senão torná-la bailarina. Eduardo recordava agora todos os projectos que haviam acalentado à volta de Margarita.

— Será bailarina como tu, Eduardo — dissera a mulher. — E quando for crescida, poderá ser a tua «partenaire»...

A sua «partenaire»! Eduardo tinha pensado muitas vezes nessa possibilidade ao longo daqueles catorze anos. Não lhe agradava dançar sòzinho. Aliás, o público apreciava mais as piruetas de uma linda mulher, que todos os seus esforços para brilhar. Contudo, trabalhar com uma mulher que não fosse a própria, implicava uma série de complicações e problemas, tanto de ordem económica como familiar. A sua esposa era ciumenta e não suportava com agrado as longas horas de ensaio e entretenimento a que eram forçados a submeter-se. A possibilidade de Margarita se tornar, com o tempo, a companheira de baile do pai, satisfazia os seus mais íntimos anseios.

Margarita demonstrava, desde muito nova, uma grande vocação para a dança. Aos 4 anos, seu pai oferecera-lhe o primeiro par de castanholas, o que suscitara o riso dos outros dois irmãos mais novos.

— Que lembrança, papá. Oferecer à menina um par de castanholas! Mas se tem apenas quatro anos...

— Que admiração a vossa, meus filhos! A pequena há-de ser bailarina como eu... Vêde com que garbo e com que graça ela já dança as «sevilhanas»... Não pode negar a sua ascendência andaluza. Ah! Se a avó pudesse vê-la... Vocês são americanos cem por cento, como a vossa mãe... Mas Margarita é espanhola como eu... Não resta dúvida. Olhem-na, olhem-na...

Com efeito, a pequena e gorducha Margarita Carmen tinha o aspecto castiço das espanholas de raça. Os cabelos castanhos despontavam-lhe quase junto das sobrancelhas e, além do mais, parecia ter nascido para bailar as danças espanholas. O seu interesse pelas aulas do colégio era nulo. A história, geografia, gramática, etc., pareciam-lhe as coisas mais aborrecidas da vida.

Não compreendia, sequer, a necessidade de meter na cabeça tantas coisas juntas, quando com os pés podia fazer danças maravilhosas.

Seu pai ensinava-a com extraordinária paciência, a manejar as cas-

tanholas e a dançar os mais variados ritmos. Aos catorze anos, Margarita Carmen estava tão identificada com seu pai, que este não se recordava de ter tido quem bailasse com tanto gosto e com tão completo desprendimento de si mesmo. Ambos entregaram-se à dança, como se nada mais existisse no mundo.

Não, sua mulher não podia opor-se a que a menina se apresentasse em público. Margarita estava em perfeitas condições para triunfar. De resto, o contrato era categórico: «O bailarino espanhol, Eduardo Cansino, apresentar-se-á no Casino de Água Quente no dia 23 de Março, para interpretar danças folclóricas espanholas, formando parelha com uma mulher...».

A escolha da «partenaire» deixavam-na ao seu gosto. Não exigiam grande talento, mas apenas que fosse formosa.

Eduardo pensou na pequena Margarita Carmen, não apenas formosa, mas também desenvolvida para os seus catorze anos. Não seria difícil convencê-los de

O interesse de Margarita pelas aulas do colégio era nulo. Seu pai ensinava-a com extraordinária paciência a manejar as castanholas, e a pequena não queria saber de outra coisa.



Uma fotografia de família tirada em Los Angeles em Abril de 1928. Em primeiro plano vê-se Margarita e a mãe; em baixo, os dois irmãos mais pequenos.



que a jovem já tinha cumprido os dezasseis. A única dificuldade só podia partir da mulher, se negasse o seu consentimento, alegando que a filha era ainda muito nova para actuar em público...

Eduardo chegou por fim a casa e, tal como temia, apenas expôs o caso a sua esposa, esta increpou-o, furiosa:

— Estás louco, Eduardo... Como é possível que tenhas pensado já em lançar a pequena? Ela é ainda uma criança. E tão tímida... Não tem qualquer confiança em si mesma. Como imaginas que poderá enfrentar o público?

— Mas actuará a meu lado... Ela precisará apenas de seguir os meus passos, como aqui em casa... Qual a razão do teu medo, querida? Há anos que dançamos juntos... Que importa que seja em público ou na intimidade?

Custou-lhe muito trabalho convencê-la. Apenas o argumento, indiscutível, de que o contrato estava assinado e o primeiro pagamento satisfeito, a obrigou a transigir.

Aos doze anos, Margarita Carmen, rechonchuda e alegre, ainda usava as castiças mantilhas espanholas.



Seu pai, Eduardo Cansino, bailarino profissional, escolheu-a para sua «partenaire». Rita começou, assim, a actuar como bailarina aos 14 anos, graças ao seu precoce desenvolvimento físico.







Em 1934, quando se estreou no cinema, Rita era apenas uma morena de cara de bolacha, em que se não adivinhava ainda a mulher fascinante que o cinema celebraria. Ei-la, vista de frente e de perfil.

Margarita Carmen, em compensação, recebeu a notícia com verdadeiro entusiasmo.

— Oh, papá! Que alegria! Dançar contigo... e em público! E quando? Quando é a estreia?

— Muito breve, pequena: a 23 de Março. Precisamos de trabalhar muito.

— Estou disposta a tudo, papá! Queres começar a ensaiar agora mesmo?

★

Na noite da estreia, toda a família Cansino estava muito nervosa. Apenas Margarita Carmen, na inconsciência da sua tenra idade, se sentia tão feliz que não pensava sequer em ter medo. Eduardo, sim, estava sèriamente preocupado. Do que acontecesse, toda a responsabilidade seria sua. Recordava agora todos os receios de sua mulher, e dizia a si mesmo que talvez ela tivesse razão. Se a menina fracassasse naquela noite, sofreria uma grande humilhação, que jamais esqueceria. Era já tarde, porém, para retroceder. Momentos antes de entrar na pista, Margarita Carmen acercou-se do pai, emocionada, e, encostando-lhe a cabeça ao peito, disse-lhe:

— Deseja-me sorte, papá... Dá-me um grande beijo... Quero que me aplaudam muito esta noite, muito... E a ti também... Olha, vou dançar com as primeiras castanholas que me ofereceste... Tenho muita fé nelas... Sei que me darão sorte... Vamos?

Naquele momento, a orquestra começou a tocar a música que precedia o número de baile. Margarita Carmen avançou até ao centro da pista, sorrindo como seu pai lhe ensinara. Por um instante, sentiu-se aturdida perante a massa de público que a olhava fixamente. Mas, de repente, tudo desapareceu, público e orquestra, para não ficar ante os seus olhos mais do que a silhueta, garbosa e elegante, de seu pai, iniciando os primeiros passos do fandango.

Quando a orquestra ficou em silêncio, estrugiu uma ovação verdadeiramente ensurdecedora. Os aplausos sucederam-se sem descanso, chamando vezes consecutivas à pista a nova parelha de baile.



O primeiro filme de Rita, «A Amazona do Texas», tinha por cenário uma cidade sem lei do Oeste americano, com os seus ataques às diligências, cavalgadas de morte, etc. Caso curioso: Rita usava no filme o seu verdadeiro nome: Carmen... Ei-la numa cena com o famoso «cow-boy» Tex Ritter...

Margarita Carmen estava radiante. E seus pais também, como não podia deixar de ser. Até sua mãe, tão receosa até o último momento, teve que reconhecer razão a Eduardo. A pequena estava perfeitamente formada como bailarina e teria sido contraproducente atrasar a sua apresentação em público.

Entusiasmado, o gerente do Casino prorrogou o contrato de Eduardo e sua filha por mais três anos. Durante todo este tempo, Margarita Carmen actuou todas as noites com seu pai até à meia-noite, hora a que a sua mãe ia buscá-la ao Casino para a levar... para a cama.

A jovem não gostava de viver assim. Muitas vezes, protestou, mas em vão. Não compreendia porque lhe recusavam que ficasse com as outras raparigas do Casino, contemplando a animação e travando relações com os espectadores.

— É inútil que insistas, Margarita Carmen. Uma rapariga da tua idade não deve criar relações com o género de pessoas que se encontram num Casino. Não nos parece bem...

— Ah, claro! Não parece bem que uma rapariga da minha idade crie relações no Casino... Mas parece bem que baile no mesmo Casino todas as noites, até cair rendida de cansaço... Bonita moral a vossa!

Os pais calaram-se, envergonhados. A rapariga tinha razão.

Mas era já tarde para emendar as coisas. Margarita Carmen começava a ser conhecida como bailarina. Interromper agora as actuações, significaria cortar a sua carreira.



A jovem era rebelde e, à medida que crescia e se tornava mulher, mostrava uma irrefreável ânsia de viver, de conhecer a vida em todos os seus aspectos, o que trazia seus pais preocupados.

No dia em que Eddie Judson, um amigo de Eduardo, pareceu interessar-se por Margarita, sua mãe rejubilou de alegria. Eddie era o homem, o marido ideal para a conduzir, com mão firme, pelos difíceis caminhos da vida. Margarita julgou-se sinceramente apaixonada por Eddie Judson. Era bastante sedutor, para uma rapariga de 17 anos, ainda sujeita à severa vigilância da mãe, que um homem correcto, de um mundo superior, reparasse nela e a cortejasse.

Eddie Judson gostava, certamente, da pequena Cansino, mas o que mais o atraía eram as magníficas possibilidades que vislumbrava naquela adolescente de temperamento apaixonado e impulsivo. Nas suas mãos, Margarita chegaria a ser a mulher mais atraente dos Estados Unidos. Para isso, precisava de conquistar o seu amor.

Homem experimentado, não lhe foi difícil conseguir o que pretendia. Margarita Carmen era ainda um pouco ingénua, algumas frases amáveis, algumas palavras de amor, muitas promessas... e a jovem quase caíu nos seus braços.

— Oh, Eddie! És maravilhoso... Nunca conheci um homem como tu... Gostaria de viajar contigo...

— E porque não, Margarita Carmen? Se tu quiseres, podemos fazer a nossa viagem de núpcias até Hollywood. Não me será difícil introduzir-te no mundo do cinema...

— A nossa viagem de núpcias? Mas, Eddie, parece-me que fizeste uma proposta de casamento...

— E fiz, Maragarita Carmen... Se quiseres, podemos casar em seguida.

Margarita Carmen quis, naturalmente... Como podia não querer? Eram tantas as coisas que o casamento lhe proporcionaria: independência, amor, fama, dinheiro talvez...

Mas Margarita não era então mais do que uma adolescente sem experiência: confundiu o amor com a admiração que aquele homem muito mais velho do que ela produzia na sua sensibilidade de adolescente e, sobretudo, confundiu o amor com o desejo de viver outros horizontes.

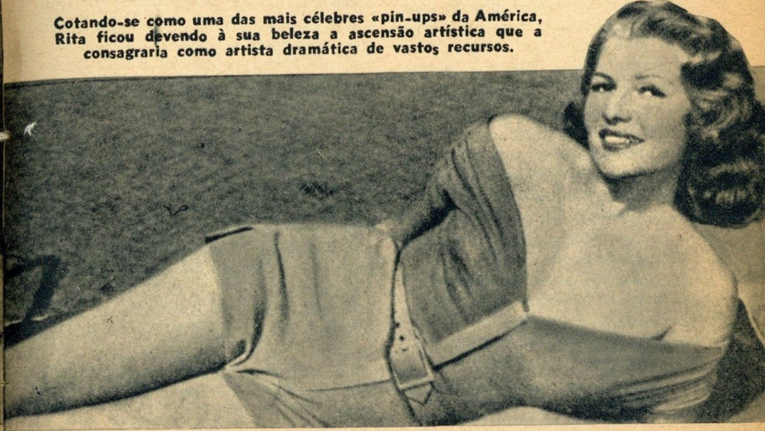
O desengano não tardou a chegar. Logo que casou com ela, Eddie começou a estudá-la fria e objectivamente a transformá-la segundo as suas ambições. Como não gostasse do seu verdadeiro nome, Margarita Carmen Cansino, por ser um nome estrangeiro e demasiado comprido, resolveu simplificá-lo. Margarita Carmen ficou reduzido a Rita. Quanto ao apelido...

— Temos que encontrar um apelido que se coadune com a tua personalidade, querida...

Rita nos seus primeiros filmes actuou quase sempre como bailarina, lutando afincadamente pela fama, que se avizinhava lentamente...



A interpretação de Rita na figura de Dona Sol em «Sangue e Arena», ao lado de Tyrone Power, valeu-lhe o título de «Sex Queen»



Cotando-se como uma das mais célebres «pin-ups» da América, Rita ficou devendo à sua beleza a ascensão artística que a consagraria como artista dramática de vastos recursos.




O primeiro marido de Rita, Ed Judson, tinha o dobro da sua idade. Ela amou-o até o dia em que compreendeu que não podia ser feliz ao lado de um homem que considerava o casamento como um pacto comercial.

Rita não atribuía ao nome muita importância para a sua carreira, mas, na verdade, ela própria não gostava do apelido de Cansino, que lhe soava mal aos ouvidos. Contudo, não queria renunciar ao nome de seu pai... De nada lhe serviram, porém, os protestos. Eddie mostrou-se inflexível. Margarita Carmen Cansino transformou-se em Rita Hayworth.

Para Eddie, Rita começou a ser, mais do que amante e mais do que esposa, a «sua obra». Tal com Pigmalião criou uma estátua — Galatea — à qual infundia vida e calor, Eddie Judson quis tranformar aquela estátua juvenil que era Margarita Carmen, numa artista notável e mulher belíssima.

Ainda que estivesse muito apaixonado por Rita, Eddie esqueceu os seus ímpetos amorosos para reeducá-la, com o cuidado e a observação constante que um «manager» põe na preparação de um futuro campeão de box.

Mais de uma vez, surgiram discussões entre Rita e Eddie:

— Mas, querida, comes sobremesa?

— Naturalmente! Acaso estou castigada, como os meninos rebeldes? — perguntava Rita, levando para a brincadeira a súbita severidade do marido.

Ele, porém, tornava-se mais severo ainda:

— Estou falando a sério, Rita. Não sou eu quem te castiga. És tu que te deves castigar até obteres a indispensável quebra de peso. Ainda tens curvas nos quadrís. Nos quadrís! Que horror! Nenhuma artista que se preze tem curvas nos quadrís...

— Mas eu tenho apetite e não me interessa chegar a ser uma grande artista — replicava Rita.

Ao fim e ao cabo, acabava por renunciar à sua vontade. E um dia era a sobremesa, outro a manteiga, o chocolate, os doces... A sua submissão ao marido, com quem julgava ter-se casado por amor, era absoluta.O mais grave para Rita não era, contudo, as discussões sobre a sua alimentação, mas sim a observação constante e o tratamento a que Eddie a submetia, sem nunca ficar contente, tal como o artista que procura em vão a perfeição da sua obra.

Um dia, obrigou-a a depilar a testa, para que ficasse mais alta; outro, mudou-lhe inteiramente a «maquillage»; outro ainda, penteou-lhe o cabelo de um ruivo vivo...

As constantes modificações e censuras acabaram por criar em Rita a convicção de que tinha deixado de ser para seu marido uma criatura viva, convertendo-se cada vez mais, num joguete, numa boneca...



Rita era alvo de homenagens que a deixavam indiferente. Ei-la com Tony Martin, seu «partenaire» em «Music in my heart».



Victor Mature chegou a ser apontado como o possível segundo marido de Rita. Mas o destino traçou outro rumo às suas vidas...



Rita na companha de outro pretendente: Michel Tronbetzkoi.

Mas — que belíssima boneca! Nem a própria Rita se reconhecia naquela mulher elegante que se reflectia nos espelhos.

A serenidade de Eddie não excluía a generosidade. Todos os dias chegavam a casa dos recém-casados os vestidos mais sumptuosos, as joias mais fascinantes. Rita vivia numa doce ilusão. Todavia, Eddie ao vê-la com os vestidos caríssimos, não podia reprimir, de quando em quando, uma careta de descontentamento.

— Não, não, Rita... Um trajo de noite requere mais majestade no porte... Volta a entrar por essa porta... Não, não... Para dar a mão, deves tirar a luva da mão direita. Mas, por favor! com naturalidade...

Rita via-se cada dia mais formosa, mas não era feliz. A solidão espreitava-a, apesar de acompanhar o marido aos clubes nocturnos e às estreias de gala, onde a sua presença suscitava cada dia mais admiração.

Até que certa noite, de regresso de uma festa nocturna, Rita teve a sensação de que seu marido a beijava com mais paixão, ao pronunciar estas palavras:

— Agora, sim, meu amor... Agora sei que poderás chegar a ser uma verdadeira e deslumbrante estrela.

★

A promessa de Eddie, formulada antes do casamento, realizou-se por fim. O novo Pigmalião conduziu a nova Galatea aos estúdios de Hollywood.

A esplêndida figura da jovem, o seu invulgar gosto para se vestir e enfeitar, a maleabilidade adquirida na prática do baile, a sua juventude e a sua alegria, conquistaram os dirigentes dos estúdios, que a aceitaram imediatamente para um teste cinematográfico.

Eddie respirou, tranquilo e aliviado. Estava seguro de que sua mulher triun-

faria, de que todos os seus esforços não tinham sido inúteis.

Contudo, na manhã do teste, Rita estava muito nervosa. Tinha perdido o domínio de si mesma. Ia actuar, não como bailarina, mas como actriz, e esta circunstância, aliada ao facto da falta do público à sua volta, infundia-lhe temores e dúvidas.

Ao chegar ao estúdio, o aparatoso material usado nas tomadas de vistas e a presença de um grupo de homens muito graves que a contemplavam com olhos de juízes, roubaram-lhe toda a serenidade.

Quando lhe indicaram que devia começar a actuar, sentiu um verdadeiro pânico. Julgou que não poderia mover um só músculo, nem dar ao rosto a mais leve expressão. Restituiu-lhe a serenidade, por mero acaso, um modesto operário que cruzava o estúdio, passando perto de Rita.

— Vamos, pequena — sussurrou ele ao ouvido da atemorizada actriz. — Lembre-se de que a câmara é apenas um olho e quando trabalha em público enfrenta centenas...

Como se tivesse ouvido uma palavra mágica, Rita tranquilizou-se e passou a prova com incrível desenvoltura. Como resultado imediato, obteve um contrato vantajoso.

Galatea era, sem dúvida, a obra-prima de Pigmalião. A Crisálida tinha-se transformado em mariposa. Rita Hayworth caminhava para a fama.

★

Para a fama, sim, mas também para a amargura. Dia após dia, Rita apercebia-se, cada vez mais, de que os seus sonhos de amor tinham fracassado. Eddie não só possuía o dobro da sua idade, como também era incapaz de uma verdadeira paixão. Era, na realidade, o seu «manager», o seu representante, e, ao



Steve Crave, antes de desposar Lana Turner, andou enamorado de Rita.



Teddy Stauffer — um milionário que Rita namorou num breve romance.



Orson Welles — então considerado um génio em Hollywood — conquistou o coração de Rita e propôs-lhe casamento. Ela aceitou, afirmando que a seu lado sentia uma segurança que jamais conhecera.



Dançando os ritmos quentes da sua Espanha ancestral, Rita destronou as «pin-ups» da América.

mesmo tempo, o professor exigente e escrupuloso. Mas nunca o amante, o companheiro que ela tinha sonhado.

Por outro lado, Eddie lembrava-lhe constantemente os esforços e dinheiro que dispendera para a elevar à celebridade, e não lhe ocultava sequer que queria recolher os lucros do seu trabalho. O casamento Judson-Hayworth era mais um pacto comercial do que uma união de dois seres selada pelo amor

A vida, apesar de tudo, era bela. Rita começava a sentir-se indiferente perante a indiferença; a compartilhar, de certo modo, as ideias do marido acerca do casamento: uma associação para triunfar na vida, para vencer, para chegar.

Chegar. Mas aonde?

Antes de mais nada, ao êxito, à fama. À volta de Rita Hayworth aglomeravam-se não sòmente os produtores e realizadores ansiosos por contratá-la, como também os galãs, os astros, os admiradores da sua beleza, da sua simpatia e juventude. Rita era alvo de homenagens, que a deixavam indiferente.

Em certa ocasião, apesar de tudo, o seu coração começou a palpitar fortemente perante uma elegante figura varonil. Era um companheiro de trabalho, um homem de olhar lânguido, de magnífica estatura de atleta, de uma simpatia e cultura extraordinárias. Chamava-se Victor Mature .Saíram juntos muitas vezes. Pouco a pouco, a atracção inicial converteu-se em algo mais sério. Quando seu pai ,alarmado, quis saber a verdade do que se passava, Rita não deu qualquer desmentido ou confirmação. Limitou-se simplesmente a dizer:

— Victor é encantador. Quando estou a seu lado sinto-me num mundo à parte.



Em 1946, «Gilda» abriu-lhe definitivamente as portas da glória, ao lado do seu galã favorito: Glenn Ford.

Rimos... rimos... como duas crianças...

Eddie Judson não ria. Um dia increpou àsperamente a esposa:

— A tua conduta é intolerável, Rita. Estás arruinando a tua carreira e estás cavando também a minha ruína...

— É a única coisa que te importa! O temor de que diminuia o meu prestígio e o teu dinheiro. Pois bem...

Vacilou um instante. Eddie repetiu:

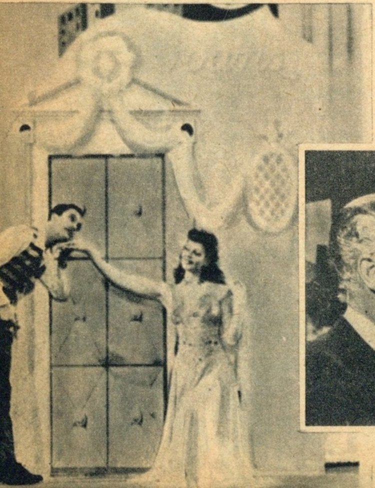
— Pois bem, o quê? Que pensas fazer? Julgas que posso consentir que continues a pôr-me em ridículo? Isto tem que acabar.

Rita desatou a rir. Conhecia demasiado o marido para admitir que fossem os ciúmes a causa da sua revolta.

— Sim, Eddie, creio que tens razão. Isto tem que acabar. Desde este momento peço-te que me concedas o divórcio...

Começaram os trâmites, intermináveis, aborrecidos. Eddie mostrou-se exigente,

Durante a guerra, Rita actuou em filmes sem muito sucesso. Ei-la em «Modelos», ao lado de Gene Kelly.



sem escrúpulos. Considerava-se prejudicado e reclamava uma indemnização.

— Gastei somas fabulosas em transformar esta pobre rapariga numa estrela — declarou aos seus advogados.

Comerciante até aos ossos, ameaçou a mulher com um escândalo se não lhe entregasse uma elevada soma de dinheiro.

Rita tinha ganho bastante no cinema, apesar de ter desempenhado papéis secundários. Desejosa de conseguir a liberdade, acedeu a tudo. E o divórcio chegou por fim, discreto e silenciosamente.

Naquela época, o mundo, incluindo os Estados Unidos da América, vivia a tremenda aventura da guerra. Victor Mature, o galã dos olhos aveludados e lânguidos, alistou-se na marinha. Rita, que se julgava loucamente apaixonada por ele, partiu para a cidade mais próxima da base em que se encontrava o guarda-costas em que Victor prestava os seus serviços. E então...

Uma vez mais, aconteceu o inesperado.

★

Tudo fazia crer que Rita era a amada fiel do soldado ausente. Tudo fazia pre-

«Esta noite e sempre» — uma comédia musical sem grandes pretensões — deu-nos uma Rita ainda pouco convencida dos seus dotes de artista.





ver que ambos aguardavam ùnicamente o fim da guerra para se casar. De repente, outro homem cruzou o caminho de Rita. Não era elegante, nem bonito, nem sequer muito jovem. Mas tinha talento e personalidade em abundância. Em Hollywood, denominavam-no «génio»: chamava-se Orson Welles.

Orson estava então no apogeu da sua fama. Era um homem cultíssimo, extraordinàriamente original e de uma personalidade arrebatadora. A princípio, Rita negou aos outros e a si própria, que Orson fosse mais do que um amigo excepcional. Mas depressa se convenceu da sedução que o talento e a originalidade de Orson exerciam sobre os seus sentidos.

— É um homem feio, mas tão extraordinário! — confessou Rita a sua mãe. — A seu lado, sinto-me mais segura do que nunca, como se bastasse a sua presença para me comunicar algo da sua infinita sabedoria.

Esta admiração não tardou em se transformar num sentimento mais profundo: o amor. Ou, pelo menos, o que Rita julgava ser o amor.

Ainda que consagrada e já quase no cimo da fama, Rita não tinha perdido completamente a sua timidez até encontrar-se com Orson. Os seus primeiros encontros tiveram um carácter surpreendente e avassalador, como tudo o que provinha de Orson.

Rita não sabia nunca, quando estavam juntos, o que ia acontecer no minuto seguinte. Tão depressa Orson recitava tiradas inteiras de versos de Shakespeare, como lhe oferecia inesperadamente um espectáculo de ilusionismo, aterrando-a com a sua magia.

«Não, não poderia casar-me com Orson, mesmo que quisesse» — procurava Rita convencer-se a si própria. — «Não é um homem, é um mago, um feiticeiro...».

Com efeito, o último acto da magia de Orson veio a ser o seu casamento, da noite para o dia, com Rita.

Na véspera da boda, ela ofereceu-lhe uma bonita pulseira em oiro, com o seu nome gravado no interior. Orson mandou-a soldar em torno do braço, como prova de amor eterno.

— Quero tê-la agarrada à minha carne o resto da minha vida, meu amor. Assim como esta pulseira já não poderá separar-se de mim, assim tu e eu jamais nos separaremos...

Os primeiros tempos do casamento decorreram, ao que parece, em completa felicidade. Se o primeiro marido de Rita a tinha transformado fìsicamente, Orson transformava-a agora numa mulher culta e refinada. Na sua metamorfose intelectual, Rita parecia pôr uma vontade decidida e consciente.

Certo dia, no estúdio, estava lendo, encantada, as belas páginas de «Macbeth», de Shakespeare, aproveitando um intervalo de filmagens, quando Gilbert Roland lhe arrancou o livro das mãos, exclamando:

— Mas, Rita, tu lês Shakespeare? Que lembrança! Estes livros não são para uma rapariga bonita como tu...

— Devolve-me o livro, Gilbert... Tenho de acabar a sua leitura. Orson quer a todo o custo que eu leia Shakespeare. E eu leio. Que posso perder? Graças a Orson, estou descobrindo um mundo completamente novo para mim.

Quando nasceu a sua primeira filha, Rebecca, Rita sentiu uma felicidade nova e diferente, o que contribuiu para ficar mais agradecida e mais unida ao homem que lhe proporcionava realmente a vida que tinha sonhado na sua primeira juventude.

Os sorrisos de Rebecca e o amor de Orson, pareciam substituir no seu coração os anelos





Novamente ao lado de Glenn Ford, Rita Hayworth surgiu depois, em toda a plenitude da sua beleza, em «Amores de Carmen», um filme quente e voluptuoso como a dramática história da cigana que não podia ser feliz...

de glória que tinham preenchido até então a sua existência.

Contudo, a sua felicidade corria aceleradamente para o ocaso.

O mundo intelectual e amável que Orson tinha criado à volta de sua esposa ameaçava desmoronar-se. O mago, o feiticeiro, começou a procurar novos campos para as suas bruxarias. Muitas noites não regressava a casa; outras, não dissimulava o seu aborrecimento pela rotina da vida do lar. Já não lhe interessava que Rita lesse ou não Shakespeare. A pequena Rebecca não bastava para o atrair.

Não passou muito tempo até Rita saber que seu marido cortejava outra mulher.

A sua decepção não teve limites. Mas a sua existência ia tomar novos rumos. O caminho da glória chamava-a com insistência. Continuava admirando o génio de Orson, mas era uma ilusão sem esperança.

À sua volta voltou a reunir o coro de admiradores. Ainda que o seu coração chorasse de amargura, Rita obstinava-se em se mostrar como uma mulher radiante e feliz. Entregou-se com ardor ao trabalho, e para curar a sua ferida de amor, começou a deixar-se acompanhar pelos seus pretendentes:





Eis a célebre cena da bofetada, cujo sucesso em «Gilda» impôs uma «remake» em «Calipso, a feiticeira», o filme que assinalou o regresso de Rita ao cinema, depois do seu casamento com Ali Khan.

Peter Lawford, Tony Martin, Steve Crane, David Niven, Howard Hughes, entre outros.

Quando alguém murmurava comentários mais ou menos viperinos, Rita encolhia os ombros. Na realidade, tudo quanto desejava era atrair de novo o pai de sua filha Rebecca, que era ainda seu marido e com quem tinha idealizado formar um verdadeiro lar feliz.

A serenidade de um matrimónio estável, o apoio de um pai legítimo para sua filha — eis o que Rita mais ambicionava.

Quando um dia, inesperadamente, recebeu, vindo do México, um telegrama de Orson chamando-a para seu lado, Rita julgou morrer de felicidade. «Vem, meu amor, preciso de ti» — dizia o telegrama.

Rita não perdeu tempo a responder. Tomou o primeiro avião que partia para o México. Sim, apesar de tudo, podia ainda recuperar a sua felicidade.

Orson, porém, não a tinha chamado porque necessitasse de Rita como esposa. Necessitava, simplesmente, da artista. Tinha acabado de preparar um filme em que, além de realizador, desempenharia o principal papel masculino. E queria Rita para sua «partenaire».

«A Dama de Xangai» — assim se chamou o filme — marcou o fim do casamento de Orson Welles e Rita Hayworth.

Quando regressou aos Estados Unidos, Rita apresentou ao tribunal o seu pedido de divórcio.

★

Que longe estava já Margarita Carmen Cansino! Rita pensava nela como numa amiga perdida há longos anos... Não podia reconhecer-se a si mesma nem recordar-se de como tinha sido nos tempos ingénuos da sua adolescência.

Um homem — o seu primeiro marido — tinha-a transformado numa estrela rutilante, dominadora, fìsicamente perfeita. Outro homem — Orson Welles — tinha despertado a sua inteligência, abrindo-lhe as portas do mundo espiritual. E, ambos, sucessivamente, haviam semeado a ambição na sua maneira de ser.

Durante umas breves férias, Rita passou dias inteiros numa solidão completa. Por fim, novos pretendentes a assediaram, embora ela desdenhasse de todos. Sua filha Rebecca, a fama e o trabalho, bastavam ao pequeno universo da sua vida.

Entretanto, a Columbia mandara preparar um filme que pusesse em relevo as qualidades de Rita. O seu título — «Gilda» — dar-lhe-ia fama em todo o mundo.

Tratava-se de uma mulher de temperamento extraordinário, e Rita era a sua intérprete ideal.

Por outro lado, após uma larga série de filmes medíocres, que não obstante haviam cimentado a sua fama e a sua fortuna, Rita tinha finalmente um filme à altura do seu valor, que se adaptava à sua



A versão cinematográfica de «Chuva», de Somerset Maugham, deu a Rita a oportunidade de evidenciar a grande altura o seu talento como actriz dramática na figura de «Miss» Sadie Thompson. Nos principais papéis masculinos do filme, José Ferrer e Aldo Ray, dirigidos por Curtis Bernhardt, deram-lhe réplica condigna.





No drama bíblico «Salomé», os produtores do filme pouco se importaram com a verdade histórica, mas sim com os encantos de Rita, que na «dança dos sete véus» mostrou todo o seu valor como bailarina. Stewart Granger e Charles Laughton encarnaram, respectivamente, os papéis de Cláudio e Herodes.







O casamento de Rita com Ali Khan deu-lhe tudo quanto uma mulher pode desejar: fortuna, amor, celebridade... Mas a origem muçulmana do príncipe ergueria entre ambos uma barreira invencível.

personalidade como uma luva e que lhe permitia mostrar não sòmente toda a sua beleza e sedução de mulher, como também o seu temperamento e a sua sensibilidade.

A partir da estreia de «Gilda», Rita transformou-se realmente em «Gilda» para o público cinéfilo.

Na vida privada começou a comportar-se como a protagonista do filme, tratando os homens desdenhosamente, viajando, etc. Este era um dos seus prazeres favoritos. A Europa fascinava-a desde a adolescência, e graças à fama e ao dinheiro conquistados, Rita tinha finalmente oportunidade de realizar o sonho querido.

Certa noite, na Riviera, conheceu um homem que a deixou encantada. Mais do que um homem rico e dominador, era um verdadeiro galã, sedutor e elegante. Dir-se-ia mesmo um príncipe das «Mil e Uma Noites», para o que muito concorria a sua origem oriental. E, na realidade, era-o: chamava-se Príncipe Ali Khan. Era um homem culto, que possuía ao mesmo tempo, uma imensa fortuna. Os seus aviões, os seus iates, os seus castelos, os seus cavalos, os seus automóveis, eram conhecidos em todo o mundo elegante.

Poucas horas depois de se conhecerem, o príncipe convidava Rita a subir ao cume das colinas de Cannes para ver as estrelas reflectindo-se no Mediterrâneo.

A fascinação que emanava da figura exótica de Ali era tão grande que, de repente, sem que se apercebesse do que acontecia, Rita se encontrou nos seus braços.

Ali falou-lhe apaixonadamente. A sua voz soava cálida e acariciadora. Era como uma chuva refrescante caindo no deserto.

— És a mulher que sempre sonhei, Rita... Esperei sempre por ti, sempre, sempre... E finalmente chegaste...

O murmúrio do mar afogava as suas palavras. Mas Rita já as ouvia antes que fossem pronunciadas...

...E naquela mesma noite soube que amaria Ali para toda a vida...

★

Poucos dias depois, empreendiam juntos, rigorosamente incógnitos, uma viagem por Espanha, donde partiram para o México, numa digressão que durou semanas maravilhosas.

Entretanto, os estúdios reclamavam a presença de Rita para começar a rodagem de «Os amores de Carmen», e a estrela teve que regressar a Hollywood.

A curiosidade dos jornalistas, na pista de um caso sentimental entre um fabuloso príncipe do Oriente e a «glamorosa» Rita Hayworth excedeu todos os limites. A todas as horas do dia Rita recebia pedidos de entrevistas para a imprensa. E todas as perguntas incluiam o nome que falava de países distantes e fabulosas cortes misteriosas: Ali Khan.

— Que imaginação a vossa! — protestava Rita, sorridente. — O príncipe é apenas um bom amigo, o mais generoso e mais gentil dos meus amigos. Além de tudo, é maravilhoso! Imaginem: um príncipe oriental...

Poucos dias depois, Ali Khan chegava a Hollywood num avião particular e levava Rita para o México. Ali passaram de novo algumas semanas de encantamento...

O príncipe viu-se obrigado a regressar à Europa. Rita não pôde resistir à ideia da separação. Tão pouco Ali parecia disposto a deixá-la. Discutiram e... acabaram por embarcar juntos no «Britanic». Ao chegar a Inglaterra, Ali pôs à disposição de Rita o seu castelo na romântica Irlanda.

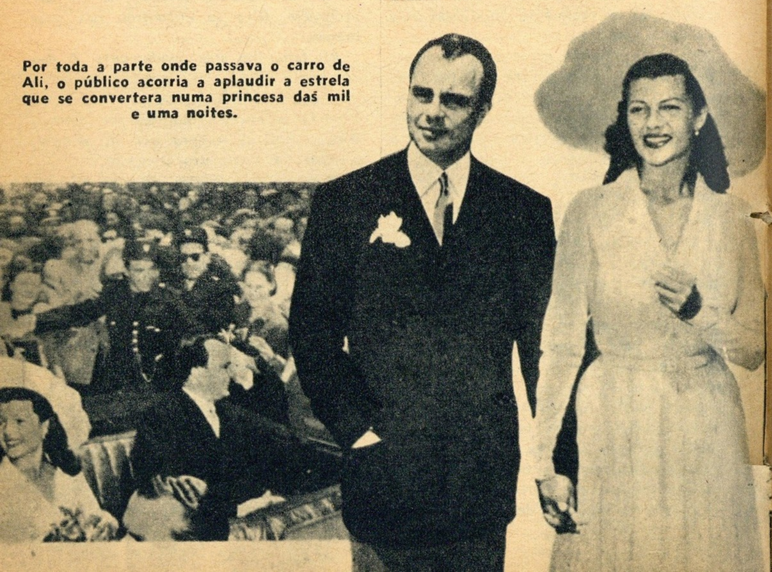
Que absorvente amizade os dominava ao ponto de não se poderem separar?

A imprensa da Europa, como a da América, enchia solunas e mais colunas falando do «sensacional romance», uns com relatos fantásticos, outros com escandalizados protestos.

Transformar-se-ia em realidade o conto da menina abandonada destinada a se casar com um príncipe?

O pior é que Ali Khan ainda estava casado com a sua primeira mulher, o que levava os jornais ingleses a qualificar os amores entre Rita e o príncipe de «sórdidas relações entre uma actriz divorciada e um homem casado», e «um insulto a todas as mulheres decentes do mundo».

Apesar de todos os ataques, Rita guardou silêncio. Estava demasiado ferida pelas insinuações publicadas acerca da sua moral e, sobretudo, sobre o seu comportamento como mãe (Rebecca, a filhinha de Orson, tinha ficado em Hollywood com a «nurse»).



Por toda a parte onde passava o carro de Ali, o público acorria a aplaudir a estrela que se convertera numa princesa das mil e uma noites.





Quando Rita se casou pela quarta vez, dir-se-ia que o seu sorriso anunciava uma vida finalmente tranquila e feliz. Mas, pouco tempo depois, ela via-se obrigada a aparecer em público com óculos escuros para dissimular o seu desespero.

Mas só Rita sabia o que o mundo inteiro ignorava. Ela tinha fé em Ali. Sabia que ele aguardava apenas autorização do pai para consumar o divórcio, depois do que a converteria na princesa Ali Khan. Não se tratava de um assunto sórdido, como dizia a imprensa. Rita e Ali sòmente pretendiam ser felizes.

Regressaram juntos ao castelo de Horizon, a vila de cor verde que Ali possuía próximo de Cannes.

Uma vez ali instalados, Ali prometeu a Rita visitar o pai em seguida:

— Rita, querida, hoje mesmo falarei a meu pai pedindo-lhe o seu consentimento para te levar à sua presença. Quero que saiba que me casarei contigo quando recuperar a minha liberdade...

Quando regressou de Yakimour, onde vivia o Aga Khan com a sua jovem esposa, Ali vinha radiante.

— O meu pai acedeu em conhecer-te, minha querida. Vamos visitá-lo ainda hoje.

Com efeito, às seis horas da tarde, Ali apresentava a sua noiva ao Aga Khan, que se mostrou encantado com Rita. Tomaram chá e permaneceram juntos mais de uma hora.

De regresso ao castelo, o príncipe anunciou à imprensa que, quando obtivesse o divórcio, se casaria com a «estrela» Rita Hayworth.

A liberdade de Ali tardou poucos meses Havia mais de um ano que corriam os trâmites do divórcio. E, por fim...

★

Aconteceu em 27 de Maio de 1949, em Vallauris, pequena localidade francesa à beira do Mediterrâneo.

Margarita Carmen Cansino e o príncipe Ali Khan juraram, perante o altar, amor eterno. A vedeta de cinema Rita Hayworth tornou-se, assim, como esposa do filho e sucessor do Aga Khan, chefe da seita islamita dos maometanos, a princesa de milhões de habitantes da Índia, Afganistão, Pérsia, Arábia, Síria, Marrocos, etc O conto das «Mil e uma noites» convertia-se em realidade...

O palácio onde se realizou o casamento legal transbordava de flores procedentes dos mais afastados rincões do mundo. Os salões de recepção estavam ornamentados com um luxo insuperável. Uma multidão

imensa aglomerava-se junto dos portões, apenas para ver passar a noiva.

O príncipe, receoso de que a multidão curiosa pudesse, num delírio de entusiasmo, assaltar a noiva, mandara erguer barreiras à passagem do cortejo nupcial.

A noiva estava belíssima. Vestia uma «toilette» de cor azul pálida e segurava nas mãos um ramo de rosas brancas.

Quando o juiz pronunciou as clássicas perguntas, Rita ostentava um semblante alegre e feliz. Ali, ao contrário, estava ligeiramente pálido.

— Príncipe Ali, desejais tomar por esposa Margarita Carmen Cansin?

Idêntica pergunta, com o nome do noivo, ouviu Rita. E ambos responderam com voz segura e clara:

— Sim, aceito.

Quando a cerimónia terminou, os noivos partiram para o castelo de Horizon. O conto das «Mil e uma noites» continuava. Guardas armados patrulhavam os muros e as avenidas do parque. Dezoito mestres de culinária, vindos de Paris, Roma e Nova Iorque, preparavam a sumptuosa comida para os trezentos convidados. Na piscina flutuavam grinaldas de flores exóticas e outras não menos belas decoravam espectacularmente a fachada do castelo, em cujo centro se destacavam as iniciais M.A. enlaçadas.

À noite, após a recepção, Ali e Rita assistiram em Cannes à estreia de «Os amores de Carmen», o último filme interpretado em Hollywood pela singular vedeta antes do casamento. Dir-se-ia que Rita, num acto simbólico, queria outorgar ao cinema o lugar que tanta importância exercera no seu casamento.

Dias depois, Rita partia na companhia do príncipe para as fabulosas terras do Oriente.

★

Quanto tempo durou a radiante felicidade do jovem casal?

Solicitada para constantes entrevistas pelos principais jornais de todo o mundo, Rita declarava sempre que adorava o marido e que a harmonia conjugal era perfeita.

Mas poderia uma mulher ocidental encontrar naquele mundo em que Ali reinava o verdadeiro sabor da vida e do amor? Até que ponto se levantavam barreiras entre a formação ocidental e a formação oriental de cada um dos cônjuges?

Durante um ano, nada houve que pudesse levar a crer que Rita e Ali tinham, a separá-los, as desavenças e incompatibilidades que geralmente conduzem ao divórcio. O nascimento de uma filha, Yasmina, a 28 de Dezembro de 1949, afigurou-se aos dois esposos como uma garantia de uma felicidade conjugal capaz de resistir a todas as intempéries.

Ali mostrava-se entusiasmado com a criança, que era bonita, engraçada e divertida. Mas, acima de tudo, era também a filha da mulher amada. Por seu lado, Rita acreditava que os seus sonhos de um lar feliz encontravam finalmente plena realização.

Mas, por muito que Ali quisesse a sua filha, por muito que amasse a sua esposa, era-lhe quase impossível acomodar-se à vida caseira que constitui norma de vida no Ocidente.

Muitos dias, ao entardecer, quando Rita, feliz, vestia o roupão e calçava as chinelas para se sentar junto da lareira, Ali saía de casa, furioso, e não regressava senão a horas avançadas da noite.

Rita começou a compreender, não sem amargura, que seu marido tinha uma opinião muito diferente da sua acerca do casamento. Ali era oriental cem por cento e, além



Mais uma vez Rita ficou sòzinha. Sòzinha com o sorriso de duas filhinhas que esperavam, como sua mãe, a felicidade que a vida sempre lhes negara.



Quando rodou em Londres «Fogo dos Trópicos», Rita deu tudo por tudo para que os seus admiradores se esquecessem dos três anos em que estivera ausente do cinema. Dançou o calipso com verdadeiro frenesim. Mas, até concluir o filme, passou por um verdadeiro suplício, repetindo cenas fáceis e curtas mais de cinquenta vezes, perdendo por vezes a memória e ficando, pouco a pouco, com a garganta seca. A seu lado, Robert Mitchum não manifestava qualquer interesse, e tudo contribuia para lhe aumentar a saudade dos tempos de «Gilda».





Mas Rita não se deu por vencida. Reagindo contra todos os desaires da sua vida sentimental, aceitou o papel de Vera em «O querido Joey», a primorosa comédia musicada por Rodgers e Hart. Como que por encanto, Rita reconquistou toda a sua imensa popularidade. Hoje, o seu temperamento de fogo e a sua beleza agressiva continuam a incendiar corações e a provocar admiradores exaltados como os aviadores que, depois da guerra, deram o seu nome à bomba atómica lançada em Bikini.

do mais, príncipe. Tinha sido educado na convicção de que, após a morte do pai, lhe caberia dirigir o destino de milhões de pessoas, como chefe religioso. Respeitava a esposa e dedicava-lhe amor sincero. Mas nada o impedia de visitar outras mulheres. Segundo a sua maneira de pensar e ser, não havia nada de censurável na sua conduta. Agia apenas de acordo com a sua religião.

Rita, a despeito de não querer tocar na ferida, sofria terrìvelmente. Ela esperava uma oportunidade para que as coisas se modificassem. Mas os dias passavam-se, numa corrida vertiginosa, sem que Ali modificasse o seu comportamento.

Ele desconhecia que Rita tinha sido sempre uma mulher de reacções rápidas, inesperadas. Um belo dia, estando ambos em África, ela abandonou-o bruscamente, partindo de avião para Paris, a fim de recolher as filhas, e regressou em seguida aos Estados Unidos.

Abordada pelos jornalistas americanos, declarou peremptòriamente que desejava divorciar-se de Ali — notícia que deflagrou como uma verdadeira bomba.

O príncipe procurou convencer Rita — por meio de telegramas e



Filmes interpretados por RITA HAYWORTH

Anos	Títulos dos filmes	Outros artistas	Estúdios
1934	*A Amazona do Texas* (Trouble in Texas)	Tex Riter	
1935	Dante's Inferno	Spencer Tracy	
	Undee the Pampas Moon	Warner Baxter	
1936	Meet Nero Wolfe	Edward Arnold	
1938	Who Killed Gail Preston	Robert Paige	
	Ther's Always Woman	Melvyn Douglas	
	Conneted	Charles Quigley	
1939	The Lone Wolf Spy Hunt	Warren William	
	Homicide Bureau	Bruce Cabot	
	Paraiso Infernal	Gary Grant	
1940	Music in my Heart	Tony Martin	
	The Lady in Question	Brian Aherwe	
	Angels over Broadway	Douglas Fairbanks Jr.	
	Susan and God	Fredric March	
1941	Strawberry Blonde	James Cagney	
	Affectiontely Yours	Dennis Morgan	
	Sangue e Arena	Tyrone Power	
	You'll neverget Rich	Fred Astaire	COLÚMBIA
1942	Teles of Manhattan	Charles Boyer	
	My Gal Sal	Victor Mature	
	Yon Were Never Lovelier	Fred Astaire	
1944	Modelos Cover Girl	Gene Kely	
1945	*Esta noite e sempre*	Lee Bowman	
1946	Gilda	Glenn Ford	
1947	Down to Earth	Larry Parks	
1948	*A dama de Xangai*	Orson Welles	
	Os amores de Carmen	Glenn Ford	
1952	*Calypso, a feiticeira*	Glenn Ford	
1953	Salomé	Stewart Granger)	
	Chuva Miss Sadie Thompeson	Aldo Ray José Ferrer	
1956	*Fogo nos Trópicos* (Fire Down Belon)	Robert Mitchum Jack Lemmon	
1957	*O querido Joey* (Pal Joey)	Frank Sinatra Kim Novak	
1958	Separate Tables	Burt Lancaster	

chamadas telefónicas — a desistir dos seus intentos. Aconselhou-a a reflectir sobre a decisão que tomara e pediu-lhe que aguardasse a sua ida aos Estados Unidos.

Mas Rita estava decidida. E partiu para o Reno, a meca dos divórcios internacionais. Motivos?

— A sua crueldade mental não sòmente me tornou infeliz, como também pôs em perigo a minha saúde. Estou doente, doente... Amo-o, mas não posso viver a seu lado...

Os juízes tentaram dissuadi-la. Depois rogaram-lhe que citasse exemplos...

— O prazer que Ali sente pelo jogo é um vício que o domina loucamente. Não sòmente o leva a perder fortunas fabulosas no tapete verde, como também exerce no seu temperamento perigosas consequências. Muitas vezes Ali era atacado de nervosismos, impaciências e cóleras, que não cabiam nos limites da minha paciência, porque nas minhas veias corre sangue latino e porque possuo também um temperamento fogoso.

Apesar de tudo, estes exemplos de «crueldade mental» não eram suficientes para reduzir a fumo as ilusões de um casal ligado pelos sagrados laços do matrimónio. Inesperadamente, Rita abandonou Reno e retirou o pedido de divórcio.

Causas deste arrependimento?

O príncipe Ali tinha chegado, entretanto, a Hollywood, para visitar a pequena Yasmina, a quem dedicava todo o amor de um pai extremoso. Rita não pôde evitar que o seu coração de mãe e de esposa se comovesse.

Regressando a Hollywood para se juntar ao marido, Rita viu-se novamente assaltada pelos jornalistas. Hesitante, respondeu com evasivas:

— Reconciliação? Talvez... É possível... Mas nada há ainda de seguro..

Mas uma frase que escapou dos lábios de Rita pôs a verdade a nú:

— Amava tanto Ali, que julguei morrer ao deixá-lo.

Era a mesma frase que, poucos meses mais tarde, pronunciaria ao formular pela segunda vez o pedido de divórcio, agora com carácter irrevogável.

Sim, amava-o tanto que julgou morrer ao deixá-lo... Mas também não podia



Dois sorrisos de Rita Hakworth e sua filha Yasmina, que demoistram a confiança que se rasga agora no horizonte das suas vidas.

viver a seu lado. O sonho das mil e uma noites esfumara-se.

Rita separou-se definitivamente do seu príncipe oriental. De todo o esplendor da sua vida como princesa, restava apenas a recordação de um romance fracassado e uma filha sem pai, ou, pelo menos, sem um pai que lhe desse a sua companhia, o seu amor, os seus pensamentos, ainda que lhe recusasse o seu ouro e os seus brilhantes.

★

O regresso de Rita aos estúdios da Columbia, após uma ausência de três anos, constituiu um acontecimento que todos os seus amigos e admiradores festejaram com entusiasmo.

A estrela apreciou os vários argumentos que lhe propunham para o seu regresso ao cinema. Escolheu «Calipso, a feiticeira» e «Salomé».

Durante um período que parecia marcar uma viragem no futuro de Rita, a estrela viveu inteiramente entregue ao trabalho em frente das câmaras e aos cuidados das suas filhas Rebecca e Yasmina. Habitava numa aprazível rua de Beverly Hills, onde comprara uma vivenda simples, de estilo inglês, rodeada de um grande jardim, que ela própria tratava nos fins de semana.

A alegre e expansiva Rita não tardou a aborrecer-se da vida calma e tranquila a que se entregara. Então, tudo lhe pareceu monótono e insuportável. Invadiu-a uma saudade irresistível das festas e dos bailes a que estivera habituada. Para mais, eram numerosos os galãs que disputavam a sua companhia.

Certo dia, com motivo na estreia de «Salomé» em Nova Iorque, Rita recebeu, antes de sair de Hollywood, três convites para uma ceia depois do espectáculo. O primeiro era de Dick Haymes, o novo «crooner» ídolo do público; o segundo, de

BILHETE DE IDENTIDADE DE RITA HAYWORTH

Verdadeiro nome: Margarita Carmen Cansino.
Data de nascimento: 17 de Outubro de 1918.
Olhos: azuis.
Cabelos: ruivos.
Altura: 1m,68.
Peso: 56 quilos.
Divorciada de:
Edward Judson (1937-1943).
Orson Welles (1944-1947).
Ali Khan (1949-1953).
Dick Haymes (1953-1955).
Casada com: James Hill (1958).
Mãe de Rebecca — nascida a 17 de Dezembro de 1944.
Yasmina — nascida a 28 de Dezembro de 1949.



Após o seu sucesso em Pal Joey, Rita voltou a aparecer nos «nights clubes» de Hollywood. Ei-la com o director de dança Hermes Pan, da Metro-Goldwyn-Mayer. Houve quem falasse logo de romance.

um rico admirador que a cortejava havia muito tempo, e, o último, de um destacado chefe da Columbia. Os três prometiam ir de avião até Nova Iorque para consumarem o seu convite.

Rita, julgando sinceramente que nenhum dos três cumpriria uma promessa que significava cruzar o país de ponta a ponta, aceitou os três convites ao mesmo tempo.

Na noite da estreia, Rita recebeu a visita dos três admiradores de que já se não lembrava... Perante a comprometedora situação, Rita viu-se forçada ao escolher um. Não hesitou muito tempo. Num impulso rápido, tomou o braço de Dick e abalou com ele para o restaurante.

Começara naquela mesma noite o idílio entre Rita e Dick?

Quando regressaram a Hollywood, ambos passaram a aparecer cada vez com mais frequência em todas as «boites» e reuniões elegantes. E, quando Rita partiu para Honolulu, a fim de interpretar «Chuva», Dick acompanhou-a, perante a surpresa geral.

O regresso efectuou-se um mês depois, e ambos anunciaram oficialmente o seu casamento.

De repente, porém, estalou a bomba. O Governo anunciou que Dick Haymes seria deportado para a Argentina, sua pátria de origem, porque não tinha cumprido as suas obrigações como soldado durante a segunda Guerra Mundial. A decisão filiava-se no facto de Dick ter partido precipitadamente para Honolulu, sem ter obtido prèviamente os papéis necessários para voltar a entrar nos Estados Unidos.

Os dias que se seguiram crivaram Rita e Dick de preocupações e angústias. O jovem cantor viu-se forçado a partir para Las Vegas, onde trabalhou no Hotel Sands para ganhar a vida enquanto decorriam os trâmites do processo.

Por seu lado, Rita, não podendo suportar a separação, partiu também para Las Vegas, com as suas duas filhas. E no dia 24 de Setembro de 1953, o casamento celebrava-se numa cerimónia simples que durou apenas quatro minutos e a que assistiram cinco ou seis convidados. Contudo, houve uma grande afluência de jornalistas. Rita mostrou-se mais amável e cordial do que nunca com a imprensa.



Por terem preenchido incorrectamente os pedidos de licença de casamento, James Hill e Rita Hayworth viram-se obrigados a comparecer duas vezes no Registo Civil de Santa Mónica... Irá este contratempo inicial constituir um mau presságio, ou, pelo contrário, marcará finalmente o início da felicidade por que Rita sempre lutou?

Interrogada sobre a ameaça de deportação que pendia sobre a cabeça de seu marido, a estrela respondeu com firmeza:

— Estou segura de que tudo se arranjará. Aconteça o que acontecer, ficarei sempre ao lado de Dick. Não receio a decisão do tribunal...

★

Enquanto esperavam que o Departamento do Estado estudasse definitivamente o caso de Dick, os recém-casados instalaram-se, na companhia de Rebécca e Yasmina, as duas filhas de Rita, numa casinha solitária e modesta, a quarenta milhas do lago Taboe, na Reno, num lugar chamado Incline Beach.

Ali, longe do mundo ingrato e intriguista de Hollywood, Rita parecia, finalmente, ter alcançado a realização do seu mais querido sonho: a posse de um lar, um verdadeiro lar inteiramente reservado a seu marido e suas filhas.

— Não permitas que ninguém destrua a nossa felicidade, querido Dick — disse Rita, contemplando amorosamente as crianças que jogavam e brincavam a pouca distância. Fiquemos sempre juntos; tu, as crianças e eu...

— Prometo-te, meu amor... Os quatro, sempre juntos e sós...

Rita estava disposta a desafiar o mundo inteiro para conservar o que lhe pertencia.

Dick Haymes não tardou, porém, a revelar-se o que realmente era: um cantor sem vintém, perseguido pelo fisco porque devia uma fortuna de impostos.

Era, afinal, nos braços de um homem arruinado, fraco e pretensioso que Rita sonhava um futuro impossível.

Quando se apercebeu do sórdido inferno em que lentamente se deixara afundar, lutou quanto pôde para que ninguém o soubesse. Convocou a imprensa para desmentir oficialmente que Dick a tivesse esbofeteado. Recusou fabulosos contratos que a Columbia lhe propunha para que regressasse ao cinema.

Em Nova Iorque, ficou fechada quarenta e oito horas com o marido num minúsculo apartamento fechado pela polícia, com dois colossos do F.B.I. à espera que Haymes abrisse a porta, para lhe dar voz de prisão e expulsá-lo do país.

O divórcio tornou-se inevitável. Mais uma vez Rita ficou sòzinha. Sòzinha com o sorriso de duas filhinhas que esperavam, como ela própria, a felicidade que a vida sempre lhe negara.

Quando Rita Hayworth se divorciou de Dick Haymes, a opinião geral foi que ela não se voltaria a casar. Com efeito, a partir de então, a estrela que lutou mais desesperadamente para alcançar a felicidade, adoptou uma vida recatada.

Em Outubro passado, a deusa do amor completou quarenta anos. Como se despertasse de um longo sono, como a «bela adormecida», Rita começou uma nova vida. Cortou as amarras do seu casamento infeliz com Dick Haymes e, de um momento para o outro, anunciou o seu casamento com o produtor cinematográfico James Hill, que era considerado um «solteirão convicto».

Rita igualou assim o recorde dos cinco casamentos estabelecidos por Hedy Lamarr.

Por outro lado, a sua carreira como actriz de cinema recuperou o apogeu dos bons tempos, graças à sua maravilhosa interpretação em «O querido Joey», que lhe permitiu desalojar Kim Novak do trono que a loira intérprete de «Um só amor» pretendia ocupar.

Agora, Rita encontra-se a trabalhar ao lado de Burt Lancaster em «Separate Tables», desempenhando o papel de uma actriz elegante, uma mulher cansada de amar, com um passado infeliz e um futuro incerto.

Mas enquanto se abrem novos horizontes na sua vida, Rita permanece igual ao que sempre foi: um enigma, que ela própria desconhece.

FIM

A seguir Álbum dos Artistas
orgulha-se de apresentar

ROCK HUDSON

o galã máximo da actualidade apontado como sucessor de RODOLFO VALENTINO!



N. 21

PREÇO 2$00

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.— LISBOA